

O PERIODISMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL PARAGUAIA NO DECURSO E NO PÓS-GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA (1864-1870)

THE PERIODISM AND THE CONSTRUCTION OF THE PARAGUAYAN NATIONAL IDENTITY IN SEQUENCE AND POST-WAR OF THE TRIPLE ALLIANCE (1864-1870)

Valdir Aragão do Nascimento¹

RESUMO: O periodismo é inegavelmente um dos instrumentos que contribuem para a criação e manutenção dos pilares de sustentação da identidade nacional. No caso do Paraguai, este instrumento foi de extrema relevância para a construção dessa identidade no decurso e nas primeiras décadas do pós-guerra da Tríplice Aliança. O artigo em questão tem por objetivo apresentar alguns dos fatos histórico-culturais mais importantes ocorridos durante e depois da Grande Guerra; fatos estes que ensejaram a constituição de uma identidade nacional paraguaia tributária dos episódios bélicos havidos durante o conflito. Intenta-se, aqui, demonstrar a influência que os meios de comunicação, notadamente o periodismo paraguaio, tiveram na construção da identidade nacional do Paraguai, além de ressaltar a importância dessas publicações no ânimo dos soldados paraguaios durante a Guerra.

Palavras-chave: Periodismo; Identidade Nacional; Guerra da Tríplice Aliança; Paraguai.

ABSTRACT: The journalism is undeniably one of the instruments contributing to the creation and maintenance of the pillars of national identity. In the case of Paraguay, this instrument was extremely important for the construction of this identity in the course and the first decades of the post-war of the Triple Alliance. The article in question intended to present some of the facts most important historical and cultural occurred during and after the Great War; facts that gave rise to the formation of a national identity of the Paraguayan war episodes tax accruing during the conflict. The intention is here to demonstrate the influence that the media, especially the publishing Paraguayan played in building the national identity of Paraguay, and underline the importance of these publications in the spirit of the Paraguayan troops during the War.

Key-words: Journalism; National Identity; War of the Triple Alliance; Paraguay.

¹ Professor e Orientador do Curso de Especialização em Culturas e História dos Povos Indígenas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e graduado em Ciências Sociais pela UFMS. E-mail: 38valdir@gmail.com

Introdução

Arelado ao conceito de nacionalismo está, indissociavelmente, o conceito de identidade nacional que, *grosso modo*, tenciona agrupar e sumarizar uma classe de sentimentos comuns a serem compartilhados e reproduzidos pelos membros de um dado grupamento social. Sentimentos estes que fazem com que os indivíduos a eles submetidos sintam-se como se estivessem irremediavelmente vinculados e, portanto, partícipes por excelência de uma sociedade ou nação.

Ainda que não haja consenso entre os autores a respeito do conceito de identidade nacional, eles reconhecem sua importância na construção identitária dos grupamentos humanos, geográfica e espacialmente considerados. Em que pese às dissensões, os estudiosos do tema admitem o caráter subjetivo de que se revestem as concepções que o termo enseja. Assim, alguns entendem o conceito como um conjunto de ideias, crenças, preconceitos e noções teóricas que se interpenetram, se confundem e se complementam em uma dada comunidade política, efetivamente considerada; guardando, desse modo, estrita e intrínseca relação com os estereótipos que uma sociedade produz para erigir e manter sua identidade enquanto nação.

Os Estudos Culturais originados das contribuições da pós-modernidade concebem a identidade como um complexo de sentidos e conceitos diferentes e, às vezes, divergentes. Calcado na noção corrente de interdisciplinaridade, esse campo de análise sugere a existência de inúmeras categorias, ou subcategorias, identitárias, tais como: a identidade nacional, a identidade étnica, a identidade social, a identidade cultural, dentre tantas outras. Para os adeptos dessa corrente, cada uma dessas manifestações identitárias se desdobra em uma série de significados e significantes que, em maior ou menor medida, acabam por representar os aspectos socioculturais e subjetivos de um dado grupo circunscrito em um contexto territorial considerado; mas, também, sofrendo as influências que emanam de todas as partes do globo através do fenômeno da globalização; ou da *mundialização*, como prefere denominar Renato Ortiz (1994).

Reconhecendo, também, o teor subjetivo do conceito, Benedict (1983) o concebe como discursos de matriz identitária que são imaginados, visto que os “membros até das menores nações nunca chegam a se conhecer mutuamente”; e mesmo assim são intrinsecamente relacionados a uma determinada comunidade “porque a nação é sempre concebida como um profundo companheirismo horizontal”. O autor atribui ao Iluminismo e à

Revolução as causas do surgimento de tais comunidades imaginadas; desse modo, a comunidade é “[...] imaginada como soberana porque o conceito nasceu numa era em que o Iluminismo e a Revolução destruíam a legitimidade do reino dinástico hierárquico, ordenado pelo poder divino” (1983, p. 6-7).

Portanto, tais discursos de caráter identitário são construídos, inventados e social e culturalmente manipulados pelas mais diversas instâncias de poder, tanto político-institucionais quanto às que emanam das inúmeras – e nem sempre perscrutáveis – negociações socioculturais que os atores sociais estabelecem entre si. Assim, se estabelece uma relação dialética entre os discursos nacionais engendrados pelos aparelhos ideológicos de estado e os indivíduos circunscritos às suas influências.

A identidade nacional pode ter um caráter positivo, na medida em que suscita a união e a empatia entre pessoas que dividem um mesmo território, um mesmo país, uma mesma nação. Portanto, além de “irmanar” os indivíduos em um mesmo sentimento de pertença, possibilita a reiteração e manutenção dos liames entre o povo e sua pátria. Sua relevância na construção da identidade individual é inegável, dado sua esmagadora influência na constituição psíquica e sociocultural dos sujeitos inseridos em determinados contextos.

Dessa maneira, a identidade nacional pode ser entendida como um constructo/ideológico que uma sociedade adota como o veículo de disseminação de sua auto-descrição, tomando como referência os muitos aspectos de sua cultura – sejam eles materiais ou imateriais –, tais como monumentos históricos e artísticos; paisagem peculiar; idioma e dialetos; conjunto de costumes, lendas e provérbios; heróis nacionais; hino e bandeira. Esse patrimônio sociocultural, por assim dizer, é estrategicamente incutido à consciência coletiva do povo, que o associa a um sentimento onde o mote é uma distinção identitária *sui generis* e um consenso de valores reciprocamente compartilhados somente pelos membros daquela sociedade – tencionando, com isso, demonstrar a alteridade que a singulariza em face de outras culturas.

Contudo, o projeto de construção de uma identidade nacional não se dá de maneira simples ou homogênea, constituindo-se assim em uma tarefa a ser desempenhada diuturnamente pelos aparelhos ideológicos de estado; bem como pelas inúmeras interconexões existentes entre os indivíduos e o tecido social do qual são oriundos e, portanto, inegavelmente tributários e ontologicamente inseparáveis.

São muitas as dificuldades enfrentadas na construção e manutenção da consciência nacional de um país. Dificuldades que expressam a complexidade da empreitada, tais como

irmanar em um mesmo sentimento nacional membros de classes sociais distintas e historicamente antagônicas, com trajetórias e experiências de vida diversas e, por vezes, discordantes.

Nesse sentido, faz-se necessário a criação de mitos fundadores (BHABHA, 1998) que possam facultar a fixação de fatos históricos – fictícios ou não – na memória social da coletividade que se quer influenciar. É fundamental, na construção e manutenção de uma determinada identidade nacional, a criação de uma memória social indelevelmente vinculada às imagens do passado histórico-cultural que uma nação cultiva. Tais imagens podem ser compartilhadas ou silenciadas pelos membros partícipes dessa sociedade, influenciando reciprocamente na autoimagem que o grupo tem de si mesmo no presente.

Desse modo, a memória individual é introduzida na memória coletiva através da constante rememoração dos aspectos socioculturais estrategicamente elencados para representar a nação; buscando com isso a construção de um substrato comum através da subsunção dos pontos de contato existentes entre a memória individual e a coletiva. Tal manobra possibilita a sedimentação e o recrudescimento do sentimento de pertença entre os membros do grupo e as fronteiras socioculturais existentes na sociedade da qual são integrantes; facultando, assim, a solidariedade e a atração mútuas pela associação afetiva e não pela injunção.

Primórdios do periodismo no Paraguai

Um dos instrumentos acionados para a disseminação dos sentimentos de cunho nacionalista pode ser identificado nas práticas do periodismo de uma determinada nação. Por periodismo se entende, *grosso modo*, a atividade voltada à prospecção, síntese e hierarquização – para posterior publicação – de informações concernentes à atualidade. Assim, tem-se que é forçoso reconhecer o importante papel que os meios de comunicação – em suas várias dimensões e possibilidades de alcance – desempenham na formação e manutenção da identidade nacional. São insofismáveis as relações e influências recíprocas entre comunicação e identidade no processo de construção de uma nação. Tanto é assim que em sua intersecção “[...] se hacen y deshacen los territorios y los relatos de comunidades imaginadas como etnias, naciones o regiones” (GRIMSON, 2000, p.121).

O periodismo no Paraguai gestou-se de maneira conturbada. Desde a fase de colônia até a instalação da ditadura de Francia, o país se notabilizou pela obscuridade a respeito dos fatos – históricos, políticos e sociais – que ocorriam em seu território. Com a emergência da

independência e instalado o governo ditatorial de Francia, as fronteiras sofreram rígido controle e coibição a respeito de publicações de origem estrangeira que pudessem adentrar no país, pelas mãos dos raríssimos viajantes que se aventuravam ir ao Paraguai. Intentando, com essa manobra, coibir a inserção no país de material jornalístico, cartas, livros e outras correspondências que pudessem – ainda que hipoteticamente – fomentar o levante dos populares. Desse modo, ficava proibida a entrada de informações impressas oriundas de outros países; na intenção de evitar que seu contingente populacional tomasse ciência dos acontecimentos políticos de países vizinhos e, com isso, se avivasse qualquer sentimento ou atitude contrários à política ditatorial de Francia.

O periodismo em terras paraguaias iniciou-se com a publicação do jornal intitulado de *O Paraguayo Independiente*, que objetivava facultar o reconhecimento – por parte da Argentina – da soberania paraguaia e, por conseguinte, da sua independência nacional. A estratégia adotada para levar a cabo o projeto foi a publicação, em 1844, da *Ley de Administración Pública* promulgada pelo presidente paraguaio Carlos Antonio López, que governou o país de 1844 até 1862 (SÁNCHEZ, 1994).

A iniciativa de López em relação à criação de uma política de fomento à imprensa no Paraguai deu-se por conta do acirramento das críticas ao seu governo por parte da imprensa portenha e, em menor grau, brasileira. Em relação às publicações editadas no Brasil entre 1864 e 1870, Silveira (1996) analisa que tinham o mesmo objetivo dos impressos rio-platenses, qual seja: desmoralizar o governo de López através de charges e caricaturas. Estas eram veiculadas pelos seguintes periódicos: *Vida Fluminense*, *A Semana Ilustrada*, *O Arlequim* e *O Mosquito*, dentre outras de menor importância.

Ilustra a retórica aguerrida adotada pelos periódicos brasileiros o excerto extraído de *A Semana Ilustrada* por Lavarda:

Ao Paraguay, povo brasileiro! Ao Paraguay! E veremos se nossos irmãos degolados, nossas patrícias ultrajadas, nosso território invadido, nossa lavoura destruída, nossas propriedades saqueadas, nossa nacionalidade espesinhada e cuspidada sem vingança sedenta de ruínas, palpitante de destruições e aquecida ao fogo, á fornalha ardente de todo o Paraguay! Vejamos a atra fumaça do incêndio, vejamos o desabar das casas, ouçamos o crepitar das chammas e não descancêmos em quanto uma só pedra estiver sobre outra pedra na feroz e burlesca republica do furioso Lopez. Então poderemos respirar o nobre ar de dignidade reivindicada, da desaffronta consumada, única respiração de estados, de paizes, que não podem, nem devem viver sem honra. A pagina da nossa historia, em que ler – o anno de 1865 foi o ultimo anno da existência do Paraguay – será a pagina mais

gloriosa de todas as historias do mundo, porque o extermínio do paraguay é imenso serviço á humanidade e á civilização. *Semana Illustrada*, 26/02/1865. p. 1759 (LAVARDA, 2009, p. 90).

Desse modo, tanto o Brasil quanto seus aliados envidaram esforços e mobilizaram seus intelectuais – escritores, jornalistas e artistas – na intenção de persuadir a opinião pública a respeito do caráter de que se revestia o combate que se notabilizava – de acordo com as intenções da corte e dos seus aliados – pela polarização de uma guerra entre “civilização” e “barbárie”. Essa estratégia, segundo Silveira (2007, p. 41), plasmou negativamente o imaginário brasileiro em relação ao povo paraguaio e seu país; associando-os “[...] à falsificação e aos negócios escusos e apresentado como o país sul-americano menos qualificado – o indesejado e autêntico fundo do poço.”

Um fato curioso no que diz respeito aos detratores de López em terras portenhas era que, em sua maioria, consistiam de emigrantes paraguaios de renome, tais como Manuel Pedro de la Peña, Fernando Iturburu, Luciano Recalde, Carlos Loizaga, Serapio Machain, dentre outros. Sob a égide e tutela de políticos argentinos como Bartolomeu Mitre e Domingo Faustino Sarmiento, esses emigrantes eram responsáveis pela publicação de periódicos como *El Clamor de los Libres* e *El Grito Paraguayo* (CHAVES, 1968).

Esses periódicos tinham como objetivo principal demonstrar a necessidade de intervenção argentina no Paraguai. Efraim Cardozo (1996) informa que a retórica da imprensa portenha, antagônica ao governo López, fundamentava-se no remoto direito do *Uti Possidetis*²; cujo teor inviabilizava completamente – na interpretação dos periodistas portenhos – as intenções de emancipação política do Paraguai, o que frustraria, aos olhos argentinos, suas expectativas de se tornar um país autônomo e soberano.

Assim, quando essas críticas – exercidas desde o Rio da Plata – se tornaram, aos olhos de López, insuportáveis; ele se viu obrigado a reagir. Para tanto, promulgou a lei supramencionada, que culminou com a criação do periódico *O Paraguayo Independente*, cuja redação de alguns de seus artigos ficava a cargo do próprio presidente, e que tinha por objetivo responder às críticas do periodismo rio-platense.

²O princípio do *Uti Possidetis Iuris* é derivado do campo das Ciências Jurídicas, mais precisamente do subcampo denominado de direito internacional. O conceito estabelece a norma jurídica de que aqueles que ocupam de fato um território possuem direito sobre este. A expressão advém da frase *uti possidetis, ita possideatis*, que significa “como possuís, assim possuís”. Oriundo do direito romano, o princípio autoriza uma parte a contestar e reivindicar um território adquirido pela guerra. Cf. Dicionário Jurídico. Nguyen Quoc DINH, et al. – *Direito Internacional Público*, 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 479-481.

Chaves(1968) imputa a Pimenta Bueno a existência do hebdomadário em questão; que só veio à luz devido a influência de Bueno sobre López. Chaves afirma que as intenções de Bueno consistiam em, além de responder às infundadas críticas dirigidas ao governo paraguaio pelos argentinos, contribuir para disseminação dos aspectos histórico-político do país e apresentar, ao grande público, os fatos e circunstâncias que justificariam a assunção do país à condição de nação soberana e independente.

O sucesso da empreitada de López no que tange à manipulação da opinião pública se deu devido à inexistência de uma imprensa independente e comprometida com a discussão séria e imparcial a respeito dos problemas que assolavam o país àquela época. Somam-se a esse fato a ausência de um parlamento e uma classe política que fizessem frente aos desmandos de López. Desse modo, com a concentração do poder em suas mãos, tudo era decidido pelo presidente, que não admitia – em solo paraguaio –contestações ao seu governo(CARDOZO, 1996).

O primeiro número de *O Paraguay Independiente* foi impresso em 1845 em uma impressora adquirida na cidade do rio de janeiro. O periódico em questão teve vida curta, dado o objetivo imediatista a que se destinava: o reconhecimento da independência do país. Após a conquista de seus objetivos, o jornal perdeu sua finalidade principal e silenciou suas prensas, fechando suas portas em 18 de setembro de 1852; tendo sido publicados apenas 118 números (SÁNCHEZ, 1994).

No caso do Paraguai, o periodismo teve particular relevância no período do pós-guerra. A guerra em questão colocou em lados opostos o Paraguai e os países da Tríplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai. As causas que deflagraram o conflito são, até hoje, objeto de várias interpretações históricas, desde as que atribuem responsabilidade somente a Solano López até as que ficaram conhecidas como revisionismo (1960-1970) e antirrevisionismo.

A tese revisionista defende que o Paraguai teria sido vitimado pelo interesse imperialista britânico na América Latina, interesse este frustrado pela tentativa de Solano López de criar um país independente economicamente. Por sua vez, o antirrevisionismo se insurge contra as duas versões: a de que Solano López seria o único responsável pelo conflito e um estadista interessado na independência econômica do Paraguai; e de que o império britânico teria – naquele período – interesse na América Latina.

O Periodismo Paraguaio e a Guerra da Tríplice Aliança

A guerra levada a cabo pela Tríplice Aliança contra o Paraguai trouxe à América Latina consequências históricas e sociais que – inegavelmente – deixaram marcas indeléveis na formação (geográfica, sociocultural, política e econômica) dos países envolvidos no conflito. Mota (1995, p. 244) considera o combate como “a maior guerra da História da América do Sul.” Na opinião desse historiador, a peleja em questão guarda estreita semelhança com a Guerra Civil que ocorreu, à mesma época, nos Estados Unidos da América do Norte. A comparação aventada por Mota entre os dois combates fica restrita à violência e extensão do conflito, mas não em seus resultados.

A Guerra custou ao Paraguai grande parte de seu contingente masculino, deixando uma população composta de anciãos, mulheres e crianças. Todavia, outras consequências nefastas foram legadas ao país como espólio de guerra: a destruição de parte da memória nacional do Paraguai, representada no seu patrimônio cultural (arquivos de Estado e bibliotecas); a destruição de monumentos e símbolos nacionais e a proibição do uso do guarani, que devido ao processo de reconstrução da identidade nacional não se coadunava com os propósitos das elites dirigentes (BREZZO, 2004).

Durante a Grande Guerra, o periodismo teve papel relevante no processo de recrudescimento do ânimo dos soldados paraguaios; além de difundir informações de interesse do governo entre os combatentes e a população em geral. A estratégia desses impressos era ridicularizar os governantes dos países que faziam oposição ao Paraguai. Para tanto, serviam-se de textos burlescos – quase sempre redigidos em guarani – e imagens caricatas que retratavam os inimigos como tolos, atrapalhados e cômicos. Dentre os periódicos que se destacaram nessa tarefa, pode-se mencionar *El Centinela*; *El Cabichuí*; *La Estrella* e *Cacique Lambaré*, denominados de *Periódicos de Trincheira* (SÁNCHEZ, 1994).

Conforme as informações de Bovier (1966), Sánchez (1994), Pozzo (2008) e Whigham (2009), durante a guerra várias publicações circularam no Paraguai; publicações que, em sua maioria, objetivavam, como já mencionado, a defesa do governo de López através da crítica virulenta e mordaz dos seus detratores – críticas estas que se utilizavam do humor, da chacota e do sarcasmo como instrumentos de defesa e ataque.

No caso do *El Centinela*, editado em Assunção de 25 de abril de 1967 a 10 de fevereiro de 1968, as matérias que o compunham eram escritas em Castellano; no entanto, vez

ou outra, utilizava-se o idioma Guaraní na redação de algumas de suas seções. No primeiro número, os editores sinalizam a natureza de seus objetivos

“El Centinela” que hoy aparece em el terreno periodístico, es uno de esos soldados jóvenes que vos hábeis hecho célebre em los campos de batalla. Firme em el puesto que el honor le ha señalado, vê caer a sus plantas un diluvio de proyectiles, como caen al pié de esas pirámides graníticas las estériles granizadas de invierno [...] Recorrerá con su marcial mirada las filas del enemigo, detendrá con el aterrador ¡atrás! a los cobardes invasores, y de vez en cuando volverá la vista sobre los valerosos y heroicos pueblos de la República, para entonar con ellos los himnos de la victoria [...] La aparición del “Centinela” em los campos de la guerra, será la del compañero alegre y entusiasta que lleva hasta la última avanzada las flores del genio, para solazarlas horas del descanso (El CENTINELA, 1867, p. 1).

Figura nessa edição em particular, uma pirâmide em cujo cimo tremulava altivamente uma bandeira paraguaia, tendo ao centro a figura de um leão; ladeado, por sua vez, por duas sentinelas. A publicação trazia a seguinte epígrafe: “El Centinela, consagra esta pirâmide triunfal al primer grito de la Libertad del Paraguay, dado el 14 de Mayo de 1811. Esse solemne grito humilló un león, y ha postrado las huestes invasoras de la alianza”. Nessa edição aparecem os militares brasileiros Marqués de Caxias e o almirante Ignacio, ambos representados por imagens estilizadas e grotescas (POZZO, 2007).

Além de objetivar o avivamento do ânimo dos soldados paraguaios nas trincheiras do país, o libelo satírico também publicava contos, canções e poesias; sempre com referência às circunstâncias que particularizavam o conflito, buscando estereotipar o inimigo associando-o a um universo de sentido negativo e jocoso (CARDOZO, 1996).

As imagens que circulavam em *El Centinela* eram caricaturas elaboradas a partir de particularidades que os paraguaios acreditavam poder ofender seus inimigos. Os brasileiros eram representados através de figuras de macacos; dado o fato de que grande parte do contingente de soldados brasileiros era composta de negros. De acordo com Toral (1995, p. 288) “no Paraguai o negro era, antes de tudo, o inimigo”. Assim, o exército brasileiro era representado pela propaganda lopizta como macacos; que tinham por objetivo “escravizar o povo paraguaio, conduzindo-os da liberdade à escravidão.” Abaixo, uma das representações publicadas no *El Centinela*:



Três macacos: o Imperador, Tamandaré e Polidoro no jornal El Centinela de 1867

Fonte: Toral, 1995, p. 288.

Formatação semelhante adotava o *El Cabichuí*, que, alegando ser tributário da escola de Demócrito, assumia ao público que suas pautas seriam matizadas pela troça e pelo chiste, tendo como pano de fundo os fatos e circunstâncias referentes à Guerra da Tríplice Aliança. O jornal em questão, publicação da tropa paraguaia, definia o militar brasileiro da seguinte maneira:

La palabraguaraní cambia se aplica a los negros, y más genérica y propiamente alesclavo. Hablar de un brasileiroes, pues, hablar de una *camba* bajo el punto de vista de su color y de su condición de esclavo, y aun mas propiamente de un *camba* para representar laruindad, la pequenez, lamiseria, elamilanamiento de esarazadespreciable que hasta es una afrenta para la especie humana (Museo del Barro 1984, Cabichuí, n. 8, 1) (TORAL, 1995, p. 2) [destaque no original].

A respeito das circunstâncias supracitadas, no tocante à Guerra da Tríplice Aliança, uma das ilustrações constantes em uma das edições do *Cabichuí*, fazia referência à desastrosa tentativa do exército brasileiro de tomar de assalto o forte de Humaitá. O episódio mencionado era retratado como testemunho da inabilidade dos soldados brasileiros no emprego dos instrumentos bélicos de sua esquadra que, apesar de promover uma chuva de petardos sob o forte de Humaitá durante 18 meses, não conseguiu vencer a resistência oferecida pelas suas amuradas. O fracasso dessa operação era tributado, pelos paraguaios, menos à resistência da fortificação e mais à péssima pontaria dos membros da esquadra

brasileira. Esse malogro da esquadra brasileira foi ilustrado, pelo *El Cabichuí*, com uma gravura onde figurava um negro, brandindo uma espada e acossado por um enxame de abelhas; e o texto dessa edição fazia pilhéria da má pontaria e despreparo do exército brasileiro (SILVEIRA, 1996).

Segundo Lavarda (2009), os Aliados reconheciam as dificuldades que a fortaleza de Humaitá representava à empreitada da Tríplice Aliança e, por isso, envidaram esforços em debelar sua resistência – o que se conseguiu somente em agosto de 1868 – depois de mais de um ano de ataques malsucedidos.

Os inimigos: representações, estereótipos e preconceitos

Conforme as informações de Perceval (1995), as representações que se faziam acerca dos antagonistas do exército paraguaio, notadamente aquelas produzidas nas trincheiras dos campos de batalha, traziam em sua essência o desejo incontido de exclusão e/ou eliminação do inimigo; mas não só: traziam também, a reboque, o medo que a presença inquietante desse inimigo produzia, bem como o sonho possível de uma revanche contra a Aliança estabelecida contra seus interesses. Nas palavras do autor: “Las imágenes negativas van unidas normalmente a la explotación, la necesidad de exclusión o la eliminación del contrario, el miedo que produce su presencia inquietante o el sueño posible de una revancha de su parte” (PERCEVAL, 1995, p. 43).

Perceval (1995, p. 50) analisa que imagens negativas construídas pelos periódicos de trincheira tinham como categorias principais a animalização e a escravidão, sendo a primeira a mais utilizada no processo de caracterização do inimigo. Para o autor em tela, a animalização tem a ver com um “grado inferior de la escala que analizamos ya que, aunque pueda ser protegido, querido o mitificado por sus características físicas, dependerá absolutamente de su amo al que debe obedecer y al que rendirá sus servicios e incluso supropia vida”. Desse modo, fica clara a intenção desses periódicos na construção de um estereótipo dos soldados inimigos – principalmente os brasileiros – como obedientes, servis e indignos.

Assim, do mesmo modo que fazia o *El Centinela*, o *El Cabichui* empregava também o recurso da animalização dos seus inimigos. Ilustra a afirmação a maneira como os redatores desse periódico descreveram, em sua primeira publicação, a Tríplice Aliança: “La triple alianza es un género de animal concebido em el Brasil y dado a luz en Buenos Aires lanocheel

1º de Mayo de 1865. Sus padres son la ambición, la iniquidad y el crimen [...] Se divide entre individualidades Pedro II, Mitre y Flores”. (El CABICHUI, nº 1, 13-05-1867, p.3).

O excerto abaixo exemplifica a estratégia editorial do El Cabichui, bem como sua preferência pelos símios para representar seus desafetos:

Los macacos proceden en línea recta de la famosa y distinguida familia orangután oriunda de Angola en África y que por uno de esos sucesos que la historia narra, se vio en necesidad de trasladarse a estas pintorescas comarcas estableciéndose en las vastas florestas de América del Sur llamado Brasil, hizo alianza con la de los monos de cuya unión salieron los macacos (El CABICHUI, nº 3, 20-05-1867, p.3).

No tocante aos argentinos e aos uruguaios, o ataque dos redatores se concentrava nos generais Mitre e Flores que, comparados a vampiros, deles se diziam: “[...] levantaban cubiertos, en las sombras de la noche a chupar la sangre de sus hermanos y sus amigos [...]”.

A suposta valentia dos soldados paraguaios era o tema predileto do jornal A Estrella, ainda que também fizessem uso da animalização dos adversários como um recurso anímico de batalha. O periódico em tela relembra – sempre floreando os fatos – os principais heróis nacionais de peijas ocorridas no passado. A intenção por trás desse modo de agir se devia a uma tentativa, quase desesperada, em animar os soldados paraguaios que enfrentavam exércitos bem mais armados, treinados e em condições superiores no tocante ao contingente e às técnicas empregadas, fossem elas de caráter logístico ou estratégico. As motivações do *El Estrella*, afirmam alguns historiadores, talvez se devessem ao fato de ser este periódico o último publicado no período que antecedeu o fim da contenda (PLÁ, 1984).

Seiferheld (1987) pondera que a utilização de imagens associada a animais, no caso da Guerra da Tríplice Aliança, empregada pelos jornais de trincheira, tem explicação na tentativa de dar uma resposta aos exércitos aliados, que consideravam o povo paraguaio como “selvagens”, talvez por sua herança étnica, marcadamente indígena. Assim, as imagens, caricaturas e estereótipos que aludiam aos animais – ao mundo selvagem – serviam para mostrar aos aliados que, ao contrário do que pensavam, animais eram eles, e não os paraguaios.

A escravidão era outro tema muito explorado na iconografia produzida pelos jornais de trincheira. O fato advinha da participação de escravos negros nas batalhas havidas durante o confronto. Sobre este assunto, Salles (1990) e Toral (1995) asseveram que tanto as tropas

brasileiras quanto as paraguaias e uruguaias compunham seus contingentes, de quando em vez, exclusivamente compostos por negros que, escravos no sentido estrito do termo, foram – às vezes compulsoriamente, às vezes com promessa de liberdade – recrutados oficialmente como soldados. O autor cita como exemplo de batalhões formados por negros o Corpo dos Zuavos da Bahia e o batalhão uruaio Florida. A escravidão era utilizada como fator de diferenciação social por parte dos soldados paraguaios, já que estes, na sua maioria, eram cidadãos livres e os soldados brasileiros, na visão dos paraguaios, eram escravos.

A propósito da participação dos negros na Guerra da Tríplice Aliança, Chiavenatto (1983, p. 27) informa que “a maioria dos soldados brasileiros na guerra eram escravos”, dado contestado por Conrad (1978) e Salles (1990), sendo que este último aponta que o contingente de escravos nas fileiras do exército brasileiro chegava a aproximadamente 8.500 escravos, cerca de 7% do total do efetivo total, que girava em torno de 123.00 mil combatentes. Informações que demonstram o caráter fictício das generalizações dos jornais de trincheira.

Os jornais mencionados acima – *El Centinela*; *El Cabichuí* e *El Cacique Lambaré* – ficaram conhecidos como jornais de trincheiras porque eram editados pelos próprios soldados em seus acampamentos. Os soldados empregavam técnicas rudimentares e pouco sofisticadas no processo de confecção dos exemplares; que tinham como características o improvisado e a criatividade. As ilustrações eram, segundo informações de Toral (1996), confeccionadas na madeira, através de entalhes elaborados com imagens caricaturais, e depois pressionadas junto às folhas das publicações.

Para se ter uma ideia da precariedade que envolvia o processo de produção desses impressos, sabe-se que a impressora era transportada em um carrocim de tração animal, que levava ainda o papel e a tinta – e tinha como vantagem o deslocamento de toda sua estrutura de edição quando das ofensivas e/ou retiradas das tropas. Esses periódicos paraguaios, quando a Guerra já caminhava para o seu fim e o material de impressão já se escasseara, foram produzidos em uma espécie de papel vegetal; oriundo, por sua vez, de frutos silvestres de onde se obtinham um material fibroso e tinta para impressão – utilizados na confecção dos jornais (SÁNCHEZ, 1994).

A exemplo dos dois periódicos supra, *La Estrella* era também publicado em Castellano, tendo sua redação permeada por vocábulos em Guarani. Esse jornal particularizava-se pela constante menção, em suas páginas, dos fatos étnico-culturais concernentes aos Guarani.

Conforme Sánchez(1994) e Pozzo (2008), *El Cacique Lambaré* adotava uma abordagem diferente em relação à sua estrutura textual: era redigido em sua quase totalidade em Guaraní – esporadicamente se viam em suas colunas palavras em idioma Castellano e, raramente, vocábulos e expressões da mistura de línguas e dialetos que os especialistas de origem paraguaia acordaram denominar de *jopará*. Assim, ainda que a confecção dos impressos produzidos durante a Grande Guerra tenha sido elaborada de maneira pouco sofisticada e com técnicas e materiais precários; é forçoso reconhecer, portanto, que a incipiente imprensa paraguaia – em que pese suas inegáveis limitações – exerceu papel de suma importância no que diz respeito à mobilização de apoio popular a Solano López durante o conflito.

O Nacionalismo Paraguaio e a importância do periodismo no pós-guerra

De acordo com o historiador Thomas Whigham (2009), o nacionalismo extremado do povo paraguaio teve sua gênese no período do pós-guerra da Tríplice Aliança (1864-1870); ou Guerra Grande e Guerra do Paraguai, como alguns preferem denominar. O autor em tela defende a tese de que não havia, por parte do povo paraguaio, um sentimento nacional tão flagrantemente exacerbado como o que se percebe hodiernamente nos discursos verbalizados pelos representantes – oficiais e não oficiais – das mais variadas classes sociais daquele país.

Segundo Mercer (1990) e Roman (2007), o recrudescimento do sentimento de pertença identitária em relação a um determinado espaço geográfico em tempos de conflito se explica pelo fato de que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p. 4). Assim, o sentimento de identidade nacional em grande parte do contingente dos cidadãos de um país, de uma nação, tende a aumentar – consideravelmente – quando ela é ameaçada, através de guerras ou de crise econômicas.

Portanto, se a ameaça externa se torna mais iminente ou mesmo se concretiza e se cristaliza no conflito bélico, a “nação” e seus nacionais são exaltados – e esta exaltação tem um significado cada vez menos baseado em valores universais, mas sim em valores étnicos e territoriais (ROMAN, 2007, p. 4-6).

Whigham defende a tese de que o Paraguai era antes da Guerra a única nação – ou quase nação – em toda a região do Plata. Não concorda com a ideia de um Paraguai atrasado e corrupto veiculada à época pelos grandes meios de comunicação. Defende que, em que pese o

recrudescimento do sentimento nacionalista após a Guerra, o Paraguai já apresentava, desde há muito tempo, certa coesão interna:

Sinenbargo, [...] elParaguay [...] Tenia una poblacióncasi homogénea que compartia ciertastradicionese estrechas de patrimonialismo y solidaridad comunal. Este ambiente social tambiéncontaba com su próprio idioma, elguaraní, y con una identidad que pareci más nacional que la sua vecinos, hasta em tiempos coloniales. Nila Argentina, niel Brasil, nielUruguaytenían algo parecido (WHIGHAM, 2009, p. 20-21).

Percebe-se, assim, que o sentimento de nacionalidade era, segundo Whigham, uma das características do povo paraguaio bem antes da Guerra da Tríplice Aliança. Para o autor, esse fato se devia ao isolamento imposto pelo governo de Francia que fechou as portas, em meados de 1820, de entrada e saída do país durante todo seu governo, que só se encerrou com sua morte em 1840.

Diante das elucubrações de Whigham, emergem algumas questões primordiais: como se deu esse processo de valorização da identidade nacional no Paraguai no Pós-Guerra? Quais foram os instrumentos histórico-ideológicos elaborados e acionados para levar a cabo o projeto de construção de uma nacionalidade – e conseqüentemente de uma identidade nacional – que correspondesse às aspirações das elites que controlavam o país e, portanto, eram responsáveis por sua reconstrução, tanto histórica quanto social e cultural?

Aníbal Pozzo (2008), historiador paraguaio, acredita que as respostas às questões formuladas podem ser obtidas no exame – minucioso – dos conteúdos veiculados pelos diversos periódicos que circularam no país nas décadas seguintes ao término da Grande Guerra. Para este pesquisador, os meios de comunicação impressos tiveram papel relevante na estruturação e expressão das várias representações sociais que tiveram lugar no Paraguai em meados do século XX.

Pozzo acredita que a disputa entre Cecilio Báez e Juan E. O'Leary entre 1902 e 1903 representa o nascimento do incisivo sentimento de nacionalidade que particulariza o povo paraguaio – conforme ratificam pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento que se debruçam sobre o tema.

O embate entre o professor Juan O'leary e um dos mais respeitados intelectuais paraguaios, e o advogado Cecilio Báez teve como palco inicial as páginas dos periódicos *La Pátria e el Cívico* – jornais de circulação regional – e acabou por atingir a grande imprensa. A contenda versava sobre as circunstâncias que levaram o país à guerra. O'Leary defendia a tese de que o país havia saído “vitorioso” de uma guerra desigual. Para ele, o conflito teve

origem em causas externas ao Paraguai, tais como: as artimanhas do governo brasileiro e a cumplicidade do governo argentino. O'Leary buscava reconstruir e despertar o sentimento de nacionalidade do povo paraguaio. Para tanto, elaborou uma visão baseada em um passado de glória e pujança em que o povo paraguaio vivia de maneira feliz e próspera até que a ganância de seus vizinhos o condenaram à prostração (BREZZO, 2010, p. 23).

Báez era radicalmente contra essa visão romanceada. Para ele, os governos tirânicos de Francia e López foram os responsáveis pela guerra, pelo embrutecimento e ignorância do povo, fatos que o transformou em mero joguete nas mãos dos governantes. Nessa peleja, O'Leary saiu vencedor devido ao fato de seu discurso atender às expectativas populares na medida em que justificava a derrota do povo paraguaio numa guerra injusta, contra inimigos com superioridade numérica e maior aporte de recursos (BREZZO, 2010, p. 23-24).

Era bem mais fácil aceitar a tese de que haviam sido vítimas de um complô internacional por parte de seus vizinhos do que a aceitar o fato de que haviam lutado em uma guerra que não fazia sentido, e que poderia ter sido evitada, poupando o país e sua população da derrota, da morte e da pobreza.

Uma curiosidade sobre a contenda, que resultou com a 'vitória' de O'leary foi o apoio que este recebeu do presidente da república à época, Manuel Domínguez. Contra as ideias defendidas por Báez, o presidente realizou uma conferência – em janeiro de 1903 – no Instituto Paraguai, intitulada *Causas do Heroísmo Paraguai*. A intenção era reforçar as ideias de O'leary em detrimento das advogadas por Báez (BREZZO, 2004).

No seu livro *Las Construcciones Discursivas del Periodismo*, publicado em 2008, Aníbal Pozzo (2008) intenta desenvolver uma forma de explicação de como os meios de comunicação, em particular os jornais e revistas, podem ser considerados como “expresión de uno de los procesos de creación de nuevos imaginarios sociales y de representaciones en los corazones y mentes de los lectores de medios impresos en el Paraguay de inicios del siglo XX.”

O autor demonstra como os periódicos, e seus responsáveis, contribuíram enormemente com a construção da noção atual de nacionalidade do povo paraguaio, calcada em uma glamorização de feitos heróicos e fictícios, em uma falsa noção de um país “vencedor” de uma guerra injusta, simplesmente por seu povo ser portador de uma resistência inquebrantável e de uma coragem e resignação inumanas frente ao perigo, noção enganosa criada para levantar os ânimos e reconstruir um sentimento de nacionalidade destruído pela realidade cruenta da guerra. Reis (2006, p. 10) analisa que, na construção de

uma ideia de nação e identidade nacional, para que o projeto atinja seu objetivo é “[...] preciso que o povo se conheça, para que se veja como capaz de realizações grandiosas”.

Nesse sentido, o autor assevera que no bojo do constructo que fomenta uma determinada identidade nacional, tributária de uma história – fictícia ou não – onde um povo figura como vitorioso, é de extrema relevância que “Os grupos que conseguem se ver no espelho da cultura, que conseguem construir apropriada figura, em uma linguagem própria, identificam-se, isto é, criticam-se, reconhecemos próprio desejo e tornam-se competentes até na ação econômico-social”. Segundo Reis (2006, p. 10), essa estratégia de criação e manipulação de identidades se torna viável na medida em que os responsáveis – diretos e indiretos – por essa construção acreditam que “[...] aquele que manipula os sinais de uma identidade vencedora para obter vantagens, manipulará a identidade daquele que reconhece e se deixa manipular”.

No entanto, apesar de o Estado paraguaio, através de suas diversas instâncias socioculturais, procurar essencializar a identidade nacional, esta não se queda enquistada em conceitos inamovíveis e indelévels. As identidades nacionais, bem com as demais identidades e os conceitos a elas atrelados, não se expressam de uma só maneira através dos tempos; são, sim, como observou Hall (2003) produtos de incontáveis relações e inter-relações que se configuram por meio de dinâmicas que se particularizam pela instabilidade e pelo caráter situacional – que são acionados a partir de circunstâncias as mais diversas, tanto históricas e econômicas quanto cultural e social.

Desse modo, tem-se que não existe uma identidade paraguaia, ou de qualquer outra nacionalidade, inalterada e eterna. Tal assertiva se deve ao fato de que as nações, como analisa Albuquerque (2007, p. 14) “são móveis e mutáveis e as identidades nacionais estão constantemente sendo modificadas nas narrativas dos intelectuais, nas expressões populares e nos discursos cotidianos dos políticos, jornalistas, religiosos, empresários, camponeses e outras categoriais e classes sociais.”

A respeito da influência dos intelectuais na constituição da identidade paraguaia no pós-guerra da Tríplice Aliança, Pozzo, defende a tese de que eles criaram e fomentaram uma noção de resignação e melancolia que até hoje reverbera na índole do povo paraguaio. Nas palavras de Pozzo.

[...] sobre la derrota militar, política y social ante los ejércitos de la Triple Alianza; el país del “pasado” debe ser un nuevo país del “presente”,

totalmente renovado. Esta melancolía se expresa em algunosactoresintelectuales y políticos al recordar elpasado distante perdido, y ante los desafios del presente. Al mismotiempo, existe una resignación frente a lapropiasituación de derrota, pero que debe ser enfrentada. Los textos de Juan E. O'Learyexpresan esta tendencia, asimismolasproducciones de una parte importante de laintelectualidadparaguayafiniseular(2008, p. 367).

De acordo com Hall (2001, p. 56), esse discurso engendra identidades que se situam de maneira ambígua, entre o passado e o futuro, equilibrando-se “entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade.” Esse processo de ida e vinda entre passado e futuro, nada mais é que um recuo defensivo em direção àquele “tempo perdido”, onde a nação era “gloriosa”, na tentativa de resgatar, restaurar e ressignificar identidades passadas. Mas tal retorno ao passado tenciona, na maioria das vezes, ocultar “uma luta para mobilizar as ‘pessoas’ para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os ‘outros’ que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente.”

Pozzo reconhece que outros fatores estavam presentes na constituição de tal projeto, tais como os fatores políticos, culturais e sociais da época. Sua análise aponta tão somente a importância e influência que teve – e tem – os meios de comunicação na construção social de identidades nacionais, expondo os mecanismos – nem sempre bem intencionados – adotados nesse processo. Assim, para o autor em tela: “Todo proceso de construcción de um imaginario de nación – y de identidades –, es um movimiento sumamente complejo, y al mismotiempo, transversal a los sectores y grupos sociales (POZZO, 2008, p. 365-367).” Portanto, é forçoso reconhecer que os espaços onde se dão essas construções são diversos, divergentes e por vezes contraditórios; e o periodismo é – como observa o autor – apenas um desses espaços.

Pozzo afirma que depois de passados 17 anos da contenda entre os autores mencionados, os jornais *O Diário* e *O Liberal* vieram a protagonizar outro embate, cujo tema girava entorno dos episódios da Primeira República Paraguaia (1811-1870) e eventos históricos relacionados à Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Tal embate estava intrinsecamente conectado, segundo Pozzo, “a susconductores, participantes, héroes y soldados, asimismo al proceso de reconstrucción de lanación que emerge posteriormente a dichacontenda”.

Desse modo, a audiência desses periódicos se apropriou – e se apropria – dos conteúdos destes e constrói sua concepção acerca de sua história. A apropriação mencionada segue a linha de interpretação de Thompson (1998, p. 66) na qual apropriação “Consiste em

asimilarelmensaje e incorporarlo a lapropia vida, um proceso que algunasvece tiene lugar sinesfuerzos, y otrassupone um esfuerzoconsciente.”. Assim, de acordo com o autor, “Cuando nos apropiamos de um mensajelo adaptamos a nuestras vidas y a los contextos em los que vivimos. Nosreferimos a un conjunto de circunstancias que, em el caso de losproductos mediáticos, difieren de las circunstancias em las que se produjoelmensaje”.

Considerações Finais

A discussão aqui apresentada objetivoufornecer uma breve análise a respeito de como o periodismo praticado no Paraguai no decurso e no pós-guerra da Tríplice Aliança contribuiu para a construção e manutenção de uma Identidade Nacional paraguaia. O periodismo exercido durante e no pós-guerra da Tríplice Aliança no Paraguai foi de extrema importância no que tange à construção da identidade nacional daquele país enquanto Estado-Nação. No decurso do conflito, ajudou a manter o ânimo dos combatentes através de suas charges e caricaturas burlescas; bem como de seus textos encorajadores e de teor ufanista.

No pós-guerra, forneceu elementos para reconstruir essa mesma identidade nacional, fragmentada e fragilizada pela derrota diante da Tríplice Aliança, reforçando os pilares que serviam de base ao processo de reformulação do País como um todo. Assim, o periodismo e seus responsáveis ajudaram a criar a noção atual de nacionalidade do povo paraguaio, calcada em uma glamorização de feitos heróicos fictícios, em uma falsa noção de um país “vencedor” de uma Guerra injusta. Todavia, tal constituição identitária só obteve êxito porque foi legitimada pela população; ou seja, como mencionado acima, os paraguaios preferiram acreditar na versão em que figuravam como vítimas da ganância de seus vizinhos.

O nacionalismo do povo paraguaio se deve, em parte, à eficiente política adotada em grande medida pelo Estado, reconhecidamente o mais interessado no sucesso dos projetos que tenham à identidade nacional como objetivo. O reforço aos símbolos, a constante lembrança de sua propalada tenacidade frente às adversidades e desgraças que se abateram sobre o país, notadamente no decorrer da Grande Guerra de 1864 a 1870; a construção de uma identidade nacional calcada na resistência, no embate, e na noção de um país de vocação pacífica, porém, quando em guerra, inquebrantável em seu ânimo, invencível em sua persistência.

Essa exposição a respeito do periodismo teve como objetivo mostrar como os jornais e demais periódicos ajudaram na construção da identidade paraguaia a partir de inúmeros elementos cuidadosamente pinçados da história do país. Mostra também a influência que os

meios de comunicação tiveram – e têm – no imaginário coletivo da população Paraguai, principalmente no que diz respeito à identidade nacional Paraguaia.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Identidade e cidadania na fronteira entre o Paraguai e o Brasil. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. 1983. Rev. and extended ed. 2. ed. London - New York: VERSO. Disponível em: http://www.4shared.com/office/P73lGFrY/anderson_benedict_imagined_com.html
Acesso em: 12/01/2014

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. Disponível em: http://www.4shared.com/office/lwGZMczL/homi_bhabha_-_o_local_da_cultu.html
Acesso em 27/09/2013

BREZZO, Liliana M. La Guerra de la Triple Alianza em los limites de la ortodoxia: mitos e tabúes. *Universum*. 2004, vol. 29, nº 1 p. 10-27. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-2376200410000&script=sci_arttext . Acesso em 20/10/2014

BREZZO, Liliana M. La historia y los historiadores. In: TELESCA, Ignacio (Coord.) *Historia del Paraguay*. Asunción-Paraguay: Taurus. 2010.

BOVIER, Víctor Simón. El periodismo combatiente del Paraguay durante la Guerra contra la Triple Alianza: Homenaje a la Epopeya Nacional. Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia, 1966.

CARDOZO, Efraím. *El Paraguay Independiente*, Asunción, ed. Litocolor , 1996.

CHAVES, Julio César. *El Presidente López – vida y gobierno de Don Carlos*, Buenos Aires, ed. Depalma, 1968.

CHIAVENATTO, Julio José. *Voluntários da Pátria e outros mitos*. São Paulo: Editora Global, 1983.

CONRAD, Robert. *Os últimos anos de escravatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

EL CENTINELA. Colección del Semanario de los paraguayos em *La guerra de La Guerra de La Triple Alianza- 1867*. Prólogo de JOSÉ ANTONIO VÁZQUEZ. Fondo Editorial Paraguarí. Versión PDF del Nº 1 al Nº 36. p.1. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/78411345/Diario-El-Centinela-Paraguay-Portal-Guarani>
Acesso em 20/03/2013

GRIMSON, Alejandro. *Fronteras, naciones e identidades, la periferia como centro* (comp.). Buenos Aires: Ed. CICCUS; La Crujía, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização LivSovik. Trad. de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural após a modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p. Título original: *The question of cultural identity*. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/tidoLqxf/HALL_Stuart_A_Identidade_Cultu.htm>. Acesso em 23/02/2013

LAVARDA, Marcus Túlio Borowski. *A iconografia da Guerra do Paraguai e o periódico Semanallustrada – 1865-1870: um discurso visual*. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Disponível em <http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/dissertacoes/dissertacao-de-marcus-tulio-borowski-lavarda>. Acesso em 10/02/2013

MERCER, Kobena. *Welcome to the jungle: identity and diversity in postmodern politics*. In: Rutherford, Jonathan. (Org.). *Identity: Culture, Community, Difference*, Londres: Lawrence and Wishart, 1990. Disponível em: <http://www.lwbooks.co.uk/ebooks/identity.pdf>. Acesso em: 12/07/2012

MOTA, Carlos Guilherme. *História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 depois*. ESTUDOS AVANÇADOS 9 (24) 1995.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERCEVAL, José María. *Nacionalismos, xenofobia y racismo en la comunicación: una perspectiva histórica*. Paidós: Barcelona, 1995.

PLÁ, Josefina. *El Grabado. Instrumento de la Defensa*. Edición Facsimilar de El Cabichuí, Asunción: Museodel Barro, 1984.

POZZO, Aníbal Orué. *Periodismo en Paraguay: estudios e interpretación*. Arandurã Editorial. Asunción – Paraguay, 2007.

POZZO, Aníbal Orué. *Las construcciones discursivas del periodismo*. In: _____. *Periodismo y Nación: Paraguay a inicios del siglo XX*. Asunción-Paraguay: Arandurã Editorial, 2008.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ROMAN, Joël. *Identité et identité nationale*. In: *Revue Ecartés d'identité* N°111 / 2007. Disponível em: http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/6/111/ei_111_roman1.pdf. Acesso em 12/07/2012

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

SÁNCHEZ, Celia Villamayor. *Historia de la Imprenta Nacional* – Historia y Bibliografía, Asunción, Revista Imprenta Nacional, 1994.

SEIRFERHELD, Alfredo M. *Conversaciones político militares*. Assunção: Editorial Histórica, 1987. Volumes I, II e III.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel*. A Guerra do Paraguai através da caricatura. Porto Alegre; L&PM, 1996.

SILVEIRA, Mauro César. As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do Paraguai Ilustrado. *Intercom* – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.30, n.2, p. 41-66, jul./dez. 2007.

THOMPSON, John B. *Los media y lamodernidad*. Una teoría de losmedios de comunicación. Barcelona: Paidós. 1998. Disponível em: <<http://www.4shared.com/get/rV3oWSWi/Thompson_John_B_-_Los_media_y_.html>> Acesso em 15/10/2012.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai. *Estudos Avançados* [online], 1995. vol.9, n.24, pp. 287-296. ISSN 0103-4014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n24/v9n24a15.pdf>> Acesso em: 22/10/2013.

WHIGHAM, Thomas L. Fruto de violencia y sacrificio: el nacionalismo paraguaio y la guerra de la triple alianza. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas L. (Edición). *Paraguay:el nacionalismo y la guerra*. Asunción-Paraguay: SERVILIBRO, 2009.

RECEBIDO EM: 02/11/2015
APROVADO EM: 10/03/2016